

## **Relato de criação da iluminação do espetáculo *Outro em si***

Guilherme Bonfanti Piedade

Revisão de Francisco Turbiani

### **Resumo**

Registros do processo de criação e reflexões do *lighting designer* Guilherme Bonfanti, para a iluminação do espetáculo *Outro em si*, da Companhia SESC de Dança, com coreografia de Fernanda Lippi, direção de André Semenza e coordenação artística de Priscila Fiorini.

**Palavras-chave:** Iluminação cênica. Dança. Relato de processo criativo.

### **Report on the creation of the lighting of *Outro em si***

#### **Abstract**

Records of the creation process and reflections of the lighting designer Guilherme Bonfanti, for the lighting of *Outro em si*, by *Companhia SESC de Dança*, with choreography by Fernanda Lippi, direction by André Semenza and artistic coordination by Priscila Fiorini.

**Keywords:** Stage lighting. Dance. Creative process description.

### **Informe de la creación de la iluminación del espectáculo *Outro em si***

#### **Abstracto**

Registros del proceso de creación y reflexiones del diseñador de iluminación Guilherme Bonfanti, para la iluminación del espectáculo *Outro em si*, de *Companhia SESC de Dança*, con coreografía de Fernanda Lippi, dirección de André Semenza y coordinación artística a cargo de Priscila Fiorini.

**Palabras clave:** Iluminación escénica. Baile. Informe de proceso creativo.

Venho tentando não deixar minhas experiências se encerrarem com a estreia dos espetáculos que participo como *lighting designer*. Depois que iniciei minha trajetória na SP Escola de Teatro, percebi a importância de sistematizar meu conhecimento e de compartilhar meus processos. Como não possuo nenhuma graduação, a prática tem sido meu campo de investigação e de pesquisa, portanto minhas afirmações devem ser lidas como descobertas do processo e que servem à experiência na qual estava envolvido. Não se trata aqui de querer estabelecer conceitos que vão ditar procedimentos e verdades acerca do meu ofício, mas sim compartilhamento de ideias, de processo, de dúvidas e de descobertas que serviram a aquele espetáculo.

Tudo o que escrevo aqui faz parte da experiência desenhando a luz do espetáculo *Outro em si*, no ano de 2017. O espetáculo tem coreografia de Fernanda Lippi, direção/dramaturgia André Semenza e é uma produção da Companhia Sesc de Dança (SESC-MG), sob coordenação artística de Priscila Fiorini.

**Ficha técnica:**

Companhia Sesc de dança

Coordenação artística de Priscila Fiorini

Direção do espetáculo de André Semenza

Coreografias de Fernanda Lippi

Estreia em 26 de agosto de 2017

Grande Teatro do Sesc Palladium – Belo Horizonte

O processo ocorreu ao longo de três idas a Belo Horizonte. Foram oito dias divididos em dois momentos no mês de julho e mais dez dias para finalizar o desenho da luz, montar, gravar e estrear em agosto. As duas primeiras idas foram divididas por um hiato de uma semana, e a final em duas. Aqui, em São Paulo onde resido, tratei de cuidar de todo o resto que tenho pra fazer e não perder o foco da experiência vivida em sala de ensaio lá.

Aqui já poderíamos abrir um parêntesis e falar sobre a ação do tempo em nossas criações. Venho de experiências de tempo estendido dentro do Teatro da Vertigem. São processos de um ano e meio, as vezes três anos, com espaço e tempo para o erro, para negar descobertas e se jogar no desconhecido tentando descobrir novas possibilidades.

O tempo nesse processo não é meu aliado, estou fora de minha cidade e com limite de verba para poder mergulhar no processo e participar mais da criação. A experimentação na luz não tem espaço, nem existe a constituição de uma equipe de trabalho e demais características importantes em meus processos criativos. O quanto isso cria “atalhos” prejudiciais, o quanto isso nos coloca em fazer o que já “sabemos” e o que está dado?

Nestas situações lançamos mão de nosso repertório. Mas me pergunto: isso nos diminui como criadores, faz com que estejamos repetindo formulas? Ou é isso mesmo, a criação pode e deve lançar mão de ideias usadas aqui e acolá e retrabalhar para realoca-las em um novo espetáculo? Isso nos tornará repetitivos, ou podemos dizer que aí está o percurso de uma pesquisa que vai se colocando em cada novo trabalho?

Buscando me colocar fora de minha zona de conforto, tento deixar a sala de ensaio me provocar, mesmo que a premência do tempo não permita realizar um processo de criação nos moldes que gostaria.

Vamos ao que foi.

Esta experiência disparou em mim diversas questões estéticas, conceituais e técnicas: Qual o ponto de partida do desenho, da atmosfera na dança? Aqui tudo me parece diferente. O que me motiva pra pensar o movimento, a ideia de luz? A maneira como uso meu desenho, as dinâmicas e o que dispara o movimento. Neste trabalho estas questões são minha chave só que não tenho como me amparar na palavra. Provavelmente terei um palco de 15mts X 14mts vazio. O corpo, a musica, o deslocamento pelo espaço, e não a palavra, são meus pontos de partida.

Abstrato.

Este é o campo em que atuo quando estou desenhando, para dança, um abstrato que transita pelo sensorial. Neste caso não tenho a palavra. Existe todo um pensamento que movem as coreografias. André e Fernanda discutem

questões que são da existência. Eu em relação com o outro, o outro em mim, o que surge da relação entre o outro e eu? Um outro eu? *Outro em si* é o nome da obra. Aí começo a entender a discussão e vou tentando conectar isto ao que vejo nos bailarinos dançando a minha frente e ouvindo os sons que André experimenta.

Esta relação com a dança me desestabiliza e me põe em risco. Aqui várias coisas me guiaram. Uma orientação da Fernanda, que me falava de uma paisagem que possibilita a você ver todos os bailarinos, mas que em determinados momentos alguns corpos ficam mais em evidência do que outros.

Pra fazer frente a este vazio e os corpos que se movimentam tento criar espaços, paisagens. Venho da experiência do Teatro da Vertigem que trabalha com o *site specific*. Meu trabalho esta sempre em relação com o espaço. Por isso desenho em meu caderno, buscando entender o movimento dos bailarinos no espaço. Não para reforçar diagonais ou pontos de foco, mas pra entender onde estão as relações naquele vazio da caixa preta e o que isso provoca em mim. Nada racional, totalmente intuitivo, mas preciso encontrar suporte para desenhar.

Reproduzo a seguir algumas anotações do primeiro dia de ensaios:

#### **Ensaio do dia 30.06.2017 (primeiro dia de ensaio)**

No que vi hoje: espasmos nos corpos. Todos parados, aos poucos os movimentos os fazem se movimentar e os leva ao chão, correm de quatro trocando suas posições, grupos se misturam. Como nos isolamos, privilégios, diferentes línguas. O outro em mim. Limitações internas e externas. Urgente, temos esta urgência.

HOJE.

ENCONTROS E DESENCONTROS UM PEGA DO OUTRO

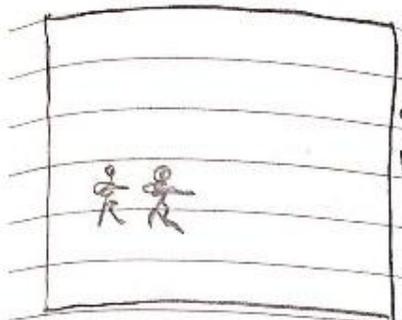
OUTRAR-SE, QUERER/SER O OUTRO

Referencias: As Filhas do caos de Deleuze. Arte filosofia, ciência.

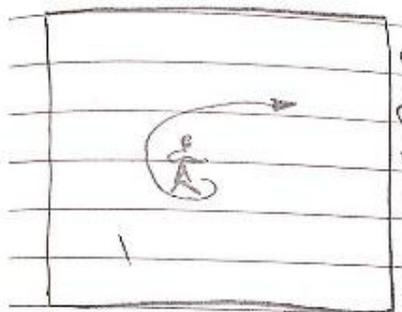
Cores do espetáculo: Urban sódio:652 / Chocolate: 156 / Blue Green:96 - Já que a dança é repetição, me dou o direito de me repetir. Não esgotei o uso destas cores no meu trabalho. Penso cor, penso isto. Penso em *black out* como escurecimento de tela em filmes. A imagem desaparece de nossa retina e volta, surge. Penso em intensidades muito baixas que o espectador tenha que completar a imagem que ele intui ver.

Imagem 1: registros em caderno das movimentações dos ensaios

\* FRAGMENTAR



Se o outro, Repetir



Fragmentar/Buscar

\* um w/ intermitente

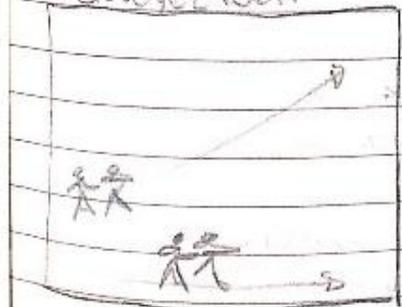
ficar.

\* a procura de w, da f

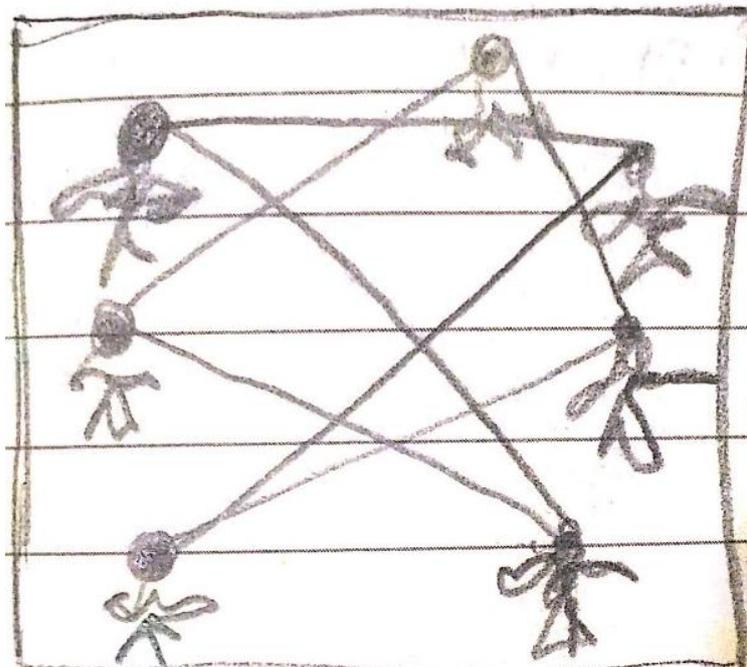
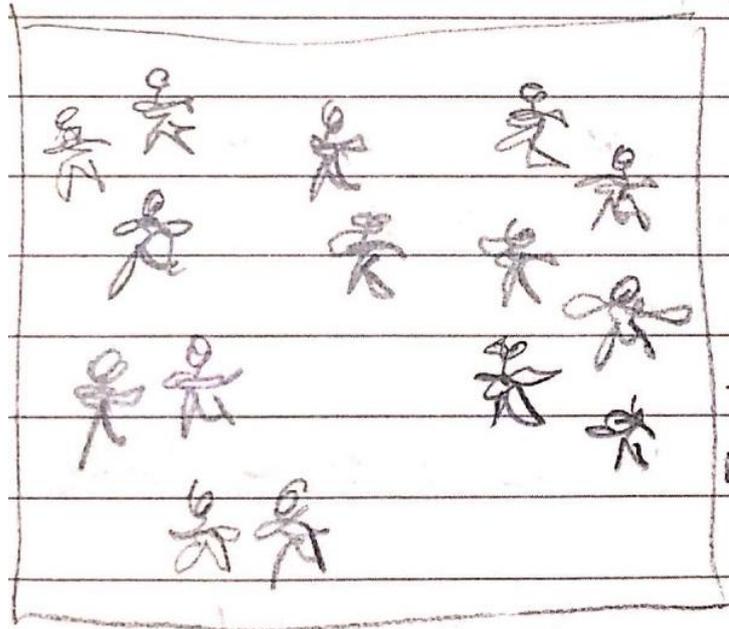
\* o pulso é largo, boca

\* 10.

condições reais



Plano costado em



Fonte: caderno pessoal.

Paisagem. Termo que ouvi bastante nestes três primeiros dias em que fiquei nos ensaios e nas conversas.

Venho de processos em que acabei criando uma serie de procedimentos para desenhar: **equipe de trabalho** (aqui estou só); **pesquisa de materiais** (aqui tenho um rider que devo seguir); **experimentação** (entro no teatro um dia antes e ensaio em uma sala de dança absolutamente iluminada pela luz natural e por uma serie de fluorescentes); **pesquisa teórica** (tive algumas conversas com os diretores e o conhecimento que tenho nos trabalhos anteriores com eles, da estética que devo criar, não sou de usar referências de *pinterest*, *wallpaper*, mas sim do cinema, das artes visuais, do meu percurso pela cidade e a vida cotidiana), **processo de construção artesanal** (nem pensar em construir algo, levar pra casa e pedir a um bailarino que mal conheço e que vem de uma companhia mais tradicional manipular algo, não terei tempo pra isso); **acompanhamento cotidiano de ensaio ao longo de todo o processo** (moro em São Paulo e a companhia estava sediada em Belo Horizonte com verba reduzida pra me levar por muito tempo).

Registro abaixo o rider de iluminação disponibilizado pelo SESC Palladium para a realização do trabalho:

#### **Rider técnico de iluminação – Grande teatro SESC Palladium**

- 01 Mesa de luz: Avolites Perola 2010 - 60 canais/01
- 204 canais de dimmer - 4kw por canal
- 45 PC (plano convexo) - DTS - 1000Wx220V/45
- 04 Fresnel - DTS -2000Wx220V 4
- 25 Fresnel - DTS -1000Wx220V 25
- 20 Elipsoidal - 1000Wx220V - SELECOM - 35°- 50° 20
- 20 Elipsoidal - 1000Wx220V - SELECOM - 14° - 35° 20
- 24 Par Led - RGBWA - 15/18 watts 24
- 20 Par(lâmpada parabólica)1000Vx220V - DTS Foco-1 20
- 30 Par (lâmpada parabólica)1000Vx220V - DTS Foco-2 30
- 70 Par(lâmpada parabólica)1000Vx220V - DTS Foco-5 70
- 24 Set Light - 1000W - 220V 24
- 08 Moving light - Mac 2000 Profile - Martin 8
- 02 Strobo Atomic 3000 2
- 12 Ribalta Led - Stagerbar - RGBAW - Martin
- 02 Canhões seguidores-PHARUS 1500 - DTS 2

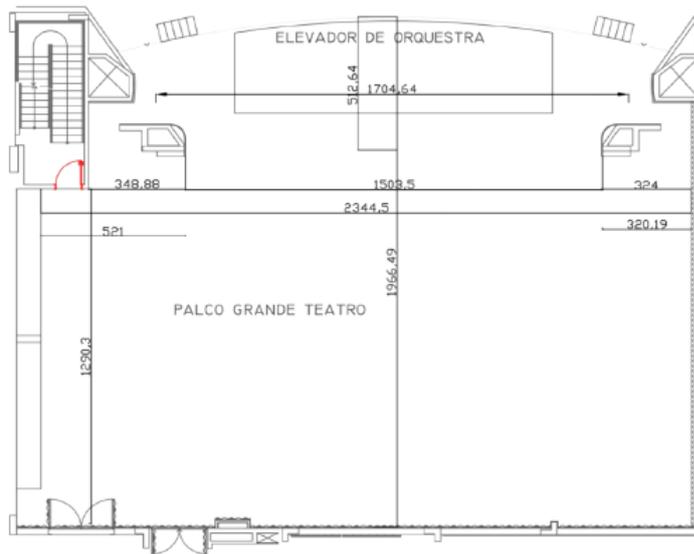
Nada estava a meu favor, então eu trato de desenhar, como relatei acima e escrever. Uma espécie de escrita automática. Deixo a musica me envolver, olho os corpos distraidamente sem tentar racionalizar o que vejo e escrevo, o que me vem a cabeça, e desenho. Meus homens palitos se movimentam pelo papel e às vezes até me arrisco a rabiscar um espaço, mas a planta sai quase que num jorro, num vomito, sem pensar. Preciso me estruturar para poder trazer algo de meu processo para esta experiência. Experimento no papel, mudando a planta cotidianamente, alterando suas posições. Minha pesquisa de materiais fica restrita ao repertório que me deram, neste sentido vou transformando o que decidi no dia anterior e assim vou me contradizendo e mudando o que tenho. Procuro não me fixar em nada. Meu processo artesanal fica restrito aos desenhos e a escrita a mão. Assim me sinto em casa, confortável para pensar o desenho do espetáculo com um tempo tão restrito.

Fiquei pensando que um caminho, por conhecer as relações de André com o cinema, o escurecimento da tela seria um recurso que eu poderia usar aqui. Estamos vendo a cena e a imagem se apaga e volta. Quando volta o movimento é outro, nos segundos em que a luz se apagou o espectador completa o movimento.

Pensando no que este tipo de luz trás ao publico, outra coisa que me veio à cabeça é usar intensidades muito baixas. A tal ponto que o espectador intui o que vê, mas não tem certeza total. Novamente a ideia de o público completar a imagem com sua imaginação. Penso que com isso estou trabalhando o subconsciente, inconsciente e real.

O espaço é muito grande e vazio, isto também esta me dizendo algumas coisas, como devo trata-lo tem que caminhar junto com uma ideia conceitual: real, inconsciente, subconsciente. Como vejo ele.

Imagem 2: Planta baixa do Grande teatro do SESC Palladium



Fonte: SESC Palladium.

Optei pelo uso de equipamentos no solo, pra poder revelar de diferentes formas o espaço, para mim uma caixa monótona, uma paisagem única. Com o Teatro da Vertigem vivenciei muito esta questão do espaço. O que ficou claro, neste trabalho, é que tenho que ter um repertório de “fotografias” muito diferentes.

Trabalhando com Antônio Araújo, percebi como ele se preocupa com a trajetória que o público faz dentro do espaço. Tem que estar sempre te conduzindo para um lugar novo, o desconhecido. Isso mantém ativo o espectador. Não sei se é isso que o move, mas a mim parece ser um caminho interessante.

Crio a partir de todas essas questões, somado ao que ouço da coreógrafa e do diretor/dramaturgo, além do que vejo com os bailarinos e seus movimentos, duos, quartetos, sextetos e solos.

A ausência da palavra, de espaços mais concretos me força a ser então cenógrafo e dramaturgo. Tenho que criar os espaços onde habitam estes corpos, tenho que construir dramaturgias com meu desenho e dar coerência a sequência de movimentos que crio. Parto da motivação teórica que os diretores trazem e parto do que sinto e intuo na sala de ensaio. As referências estéticas que temos são muito importantes neste momento de construção deste desenho. Não se trata de uma inspiração que faz brotar o desenho do nada, mas sim do próprio movimento e suas sequências como fonte da criação.

Existem trabalhos mais tradicionais que reforçam diagonais, corredores, se utilizam de focos para destacar determinados movimentos. Prefiro pensar em espaços dentro do espaço. Cibele Forjaz certa vez falou que nosso trabalho, de designer de luz, transita pela (des)construção de tempo e espaço, entre outras coisas. Na dança isto fica mais evidente pra mim. Existe o espaço macro, o palco, e os espaços dentro deste macro, os detalhes, uma mancha de luz, um contra que carrega o espaço de silhuetas, uma luz tênue no chão que nos faz perceber algo no chão que se move.

Tudo isso deve se conectar e trazer camadas de significado a cena. Nada diferente do teatro, neste sentido.

A dinâmica de movimentos, na dança esta muito conectada a musica e aos movimentos dos bailarinos. Nem sempre a luz acompanha cada momento de uma coreografia, e nem sempre vai se transformando junto com o deslocamento, o gesto, a entrada de uma musica sutil, ou poderosa. O coreógrafo traz sua visão da dança e sua ideia de atmosferas, estamos ligados a um conceito geral do trabalho e não livres para impormos nossa visão ao espetáculo.

Cor, ângulos diferentes, uso de alturas diferentes (teto, chão), luz lateral, dinâmicas de movimentos, são elementos que considero importantes na composição de um desenho para dança. Trata-se de criar um repertório de possibilidades que não deixe o desenho monótono e previsível. Existem uma centena de exceções pra esta minha afirmação, não tenho a intenção aqui de dar uma receita mas apontar questões que surgiram ao voltar a desenhar para dança.

Voltando ao *Outro em si*, tratei de criar este repertório. Tendo observado por três dias os bailarinos em movimento, ouvindo a coreografa e o diretor dando orientações para eles, uma primeira planta surgiu, quase como um vômito. Nos três dias fui anotando muitas coisas, conversando muito e creio que o desenho que surgiu é fruto das minhas colocações anteriores.

Apresento a seguir algumas de minhas apostas para esse desenho, produzidas ao longo dos ensaios.

Pretendo usar uma luz lateral com quatro elipsoidais em cada torre para poder criar a sensação do corpo dos bailarinos estarem solto no espaço, estas luzes laterais não criam um espaço uniforme em todo o palco, mas espaços que não se conectam, criando assim zonas escuras. Apesar de termos muitos

momentos no chão minha luz lateral não marca o piso, criando aqui outra zona escura. Tudo isso pra reforçar a ideia destes corpos que ao se deslocar pelo espaço desaparecem por segundos.

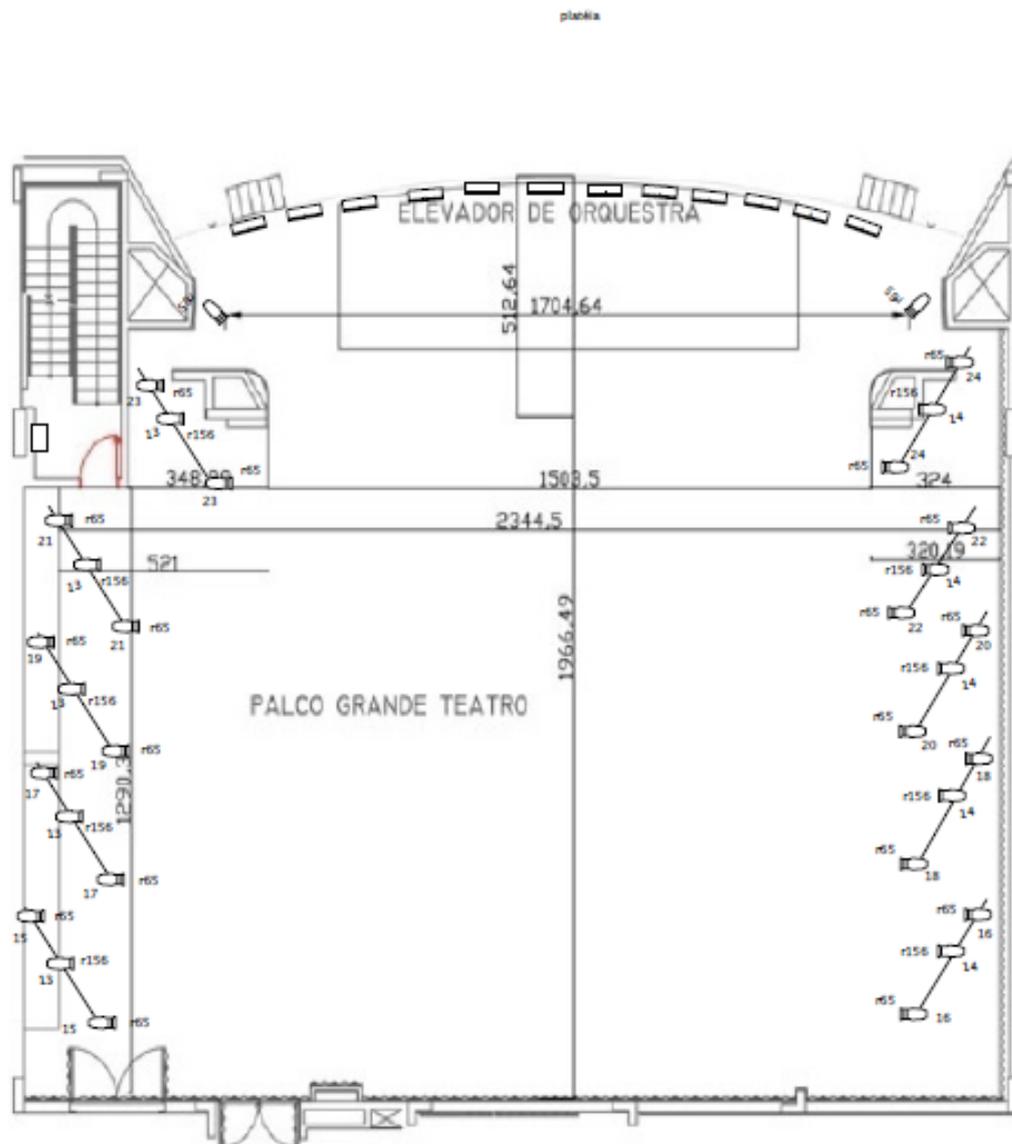
A caixa cênica é outro elemento que pretendo iluminar, vindo do piso, encostado nas paredes diversos *set lights* que iluminam tudo indistintamente criando uma sensação de amplitude, ainda no chão posiciono nas quatro extremidades *moving lights*. Aqui a opção é pelo movimento da luz, que pode ser como um scanner, como uma luz que vigia, procura. Ainda no chão e no fundo do palco uma linha de PAR 64 #5 virada para a plateia criando uma linha luminosa que dificulta enxergar e transforma corpos reconhecíveis em silhuetas, fantasmas. Por fim na frente do palco faço uso de uma sequencia de ribaltas led, com isso posso ir de um extremo ao outro e revelar completamente estes corpos. Aqui me valho dos recursos que os leds podem me dar no uso de diferentes cores.

Subindo o olhar, meu teto deve ser bem limpo. Uso um linha de contra luz de ponta a ponta da ultima vara do palco com fresnéis. Venho me interessando por esta massa de luz que surge de um mesmo angulo, ampliando sua sensação e trazendo uma luminosidade intensa e muito bem definida. Espalhado pelas varas 18 *moving lights* para que eu possa pensar o deslocamento na luz e umas 12 Par 64 que fazem um único desenho, criando uma inversão de leitura do espaço.

A luz frontal é feita com quatro fresnéis de 2000w, aqui por falta de opção de poder utilizar mais refletores, caso contrário usaria uns 12.

Não existe uma proposição clara de cenário, palco todo aberto, fechamento alemão (quando os panos ficam paralelos as paredes laterais do palco), fundo aberto, fundo com rotunda e screen na frente, somente screen? Existe ainda uma ideia de um teto que desce e vem espremendo tudo e a todos, este movimento aconteceria durante toda a coreografia, aproximadamente 50/60 minutos. O material pensado é uma tela.

Imagem 3: Planta de chão do espetáculo *Outro em si*

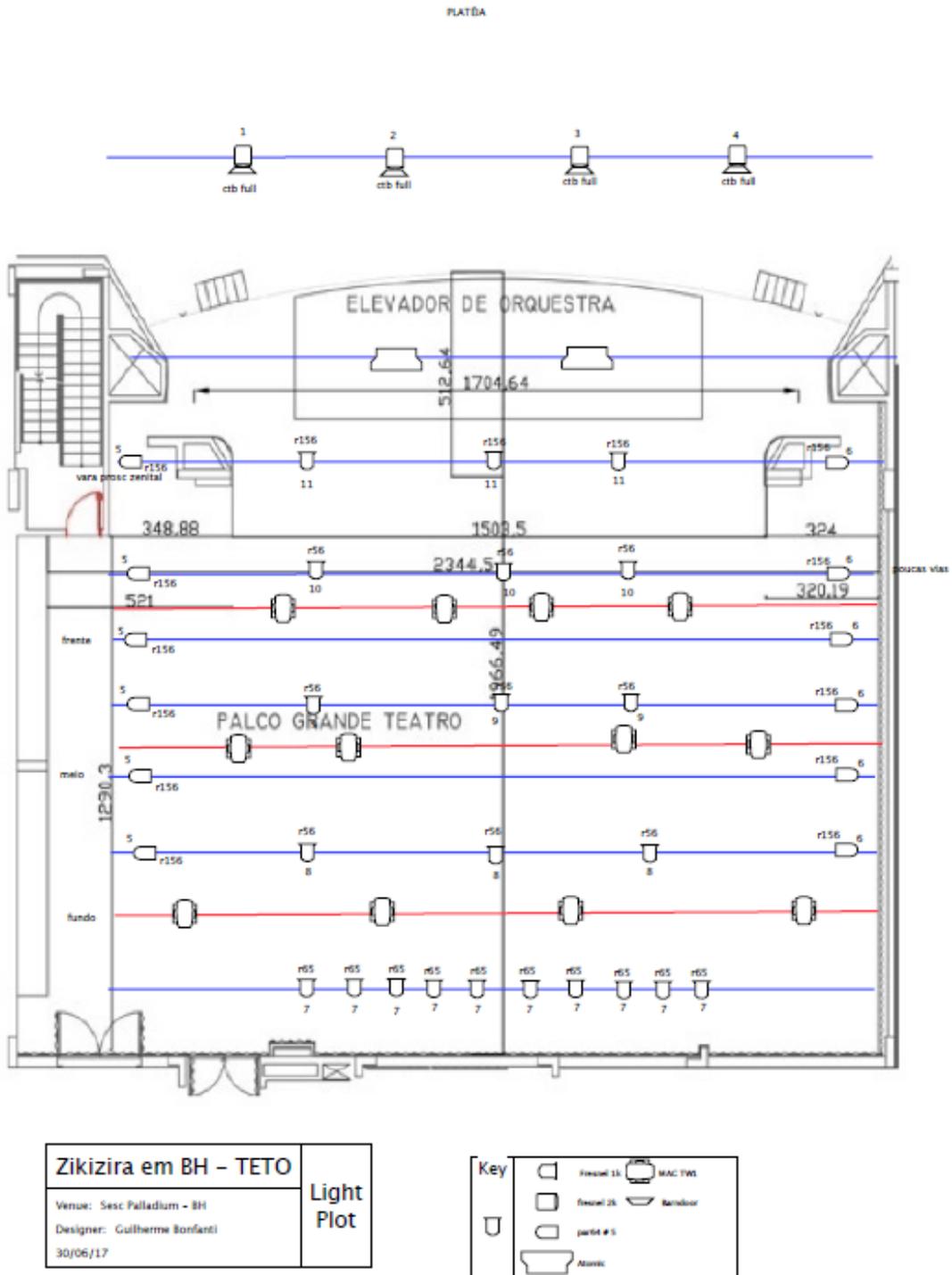


<b>Zikzira em BH - CHÃO</b>	<b>Light Plot</b>
Venue: Sesc Palladium	
Designer: Guilherme Bonfanti 30/06/17	

<b>Key</b>	

Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 4: Planta aérea espetáculo *Outro em si*



Fonte: arquivo pessoal.

No campo da cor pretendo seguir trabalhando com o sódio (rosco 652), o *blue-green* (rosco 96) e um corretivo lavanda (rosco 56), além de diferentes temperaturas de branco. Lâmpada alógena com seus 3200K, lâmpadas de descarga 4800 K e o branco do led que pode virar várias outras temperaturas.

Nos ensaios seguintes ajustes, questões, mudanças foram ocorrendo. Reproduzo abaixo mais algumas anotações de caderno:

**Ensaio do dia 20.07.2017**

Fragmentar, buscar densidade/contraste .

Uma luz intermitente, como se fosse o fogo, o gás, uma luz antiga. Um scanner de luz, da frente para o fundo ou da direita pra esquerda. O *prelude* é longo, dura o tempo do publico entrar 15 minutos mais ou menos.

**Ensaio do dia 22.07.2017**

A estrutura mudou, como era previsto. Fiquei confuso, acho melhor esperar as coisas se definirem, volto em agosto já pra fazer o trabalho. Ainda não esta claro como será o espaço. Mesmo falando em black box não estou convencido que será assim. Falta um cenógrafo.

**Ensaio do dia 22.08.2017 (um mês depois)**

Construir para desconstruir este é o mote do trabalho coreográfico, a desconstrução do movimento formal.

Primeiro corrido.

Tenho que trabalhar com a ideia de que os bailarinos aparecem e desaparecem.

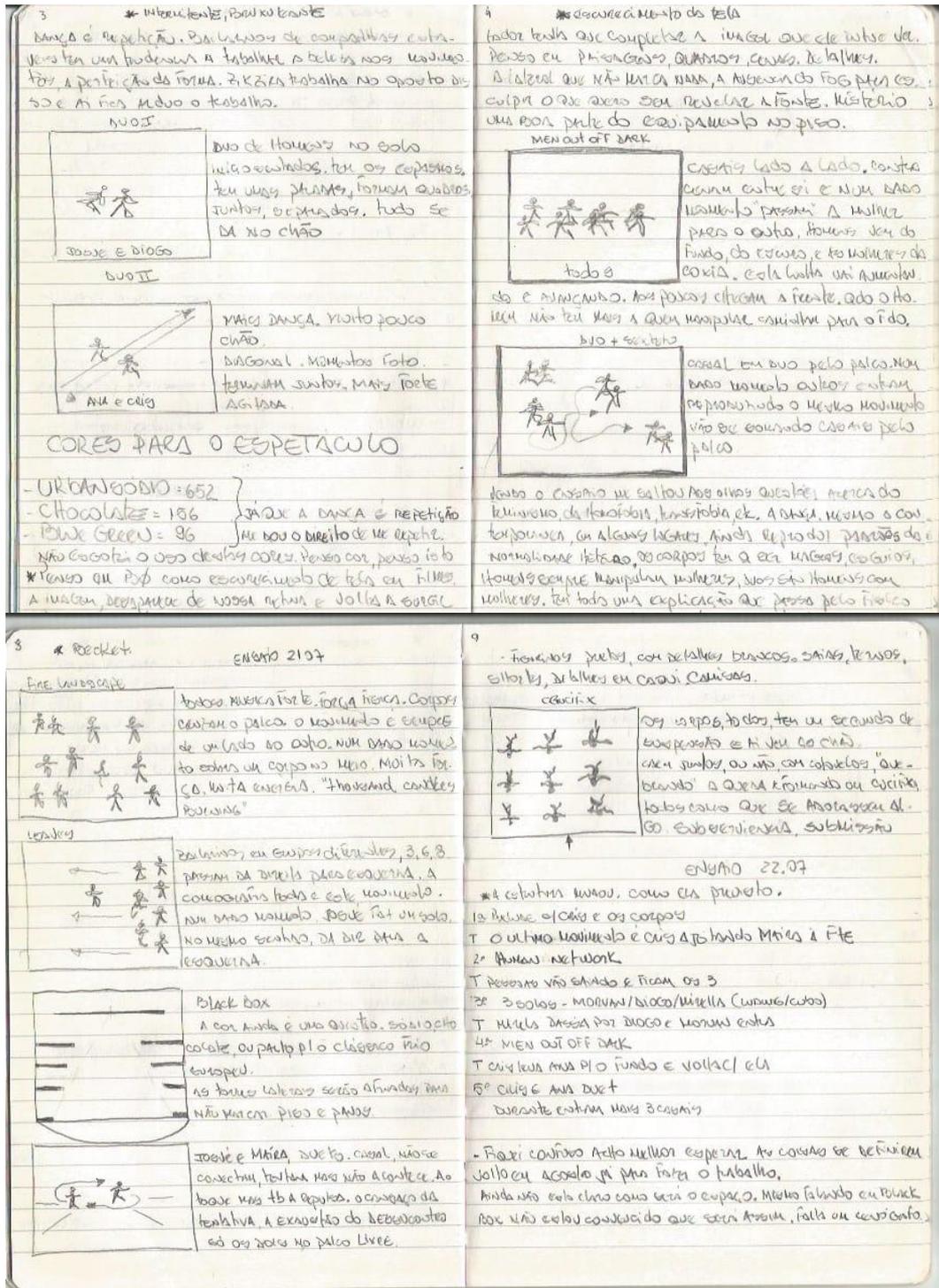
VOU MUDAR O USO DAS CORES. TORRES EM FULL CTB.

O dueto tem que estar em outro plano dos casais. Posso usar a lateral para o casal principal e focos com movings difusos acompanhando os casais.

Short scene Maira, Amanda and Mirela. Começam a desconstruir o espaço. As varas vão descendo. 1o CT, depois outras laterais podem entrar em cena. Cris volta a ler as cartas.

Cris solo final????????? Algo denso, retorna o movimento. Desolação. Retorna no foco c/ a carta, parou, corpos começam a se levantar fade out BO.

Imagem 5: Quatro páginas do caderno de anotações do processo *Outro em si*



Fonte: arquivo pessoal.

Sem regras e sem receitas, cada espetáculo pede seu desenho, minha ideia foi compartilhar com vocês uma experiência e de como foi provocador em mim me confrontar com a linguagem da dança. Parte significativa deste registro foi escrita antes de entrar no palco, ainda nos ensaios.

Tudo que escrevo pode não dar certo e no momento em que eu entrar no palco e começar a ver a luz na cena posso mudar, afinal trata-se de dança e eu sigo em busca de algo que seja específico para este espetáculo. Mesmo com o uso do 3D, ainda hoje, é diante do olho ao vivo que se concretiza tudo o que é projetado, por isso não tenho receio em mudar o que tiver que ser mudado.

Reproduzo a seguir algumas imagens do espetáculo depois de sua estreia. Para que quem leia este relato tire suas próprias conclusões.

Imagem 6: Fotos do espetáculo *Outro em si*



Foto: Tarcísio de Paula.

Criar é um ato contínuo que não se encerra aqui, mas tem desdobramentos em outros processos, sejam eles de dança, teatro, shows, óperas. Quando saio do Teatro da Vertigem para criar, isso acontece com frequência, sofro pela ausência do tempo, da equipe de criação (diretor, atores e atrizes, cenógrafo/cenógrafa, músico, figurinista) e da pressão pelo resultado assertivo. O erro e o acerto é um detalhe que não busco, ele é consequência do mergulho, do engajamento, do comprometimento e do ponto de vista de quem vê, pois posso perceber minha pesquisa íntegra ali no trabalho e outros observadores não.

Busco uma criação no terreno do incerto, da dúvida, do risco, da desconstrução, de provocações (minhas inclusive), de negação do que temos, da busca por aquilo que ainda não descobrimos, da ausência de fórmulas.

Aqui se encerra esta experiência que cria desdobramentos e me pede que fique atento ao que me deixou inseguro, as mudanças ao longo do percurso. Escrever e relatar é uma forma de refletir e compartilhar descobertas, na esperança de que surjam questionamentos sobre minha experiência e que possam gerar discussões, um aprofundamento do meu ofício.

O caminho da prática não tira a reflexão do contexto, mas a torna obrigatória, pois corremos o risco de nos repetir, e não saltar no escuro.